

José Pedro Croft

Inauguração: 16 Novembro, 22 h

17 Novembro 2017 – 13 Janeiro 2018

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

A Galeria Vera Cortês apresenta *2 desenhos, 2 esculturas*, a mais recente exposição individual de José Pedro Croft em Portugal, depois da sua representação nacional na última edição da Bienal de Veneza, ainda em curso, e a sua primeira exposição individual na galeria.

José Pedro Croft é um dos mais importantes artistas portugueses e um dos principais responsáveis pela renovação da escultura portuguesa, iniciada no final dos anos oitenta. A sua prática artística, inscrita tanto nesta disciplina como na do desenho ou da gravura, caracteriza-se por um cuidado processo de construção em que tanto o seu universo formal como a sua própria subjetividade se entrecruzam. As suas obras são sempre o resultado de uma investigação sobre o conjunto de processos que se desencadeiam a partir do interior destas, e nos quais se vislumbram as dimensões visuais, plásticas e poéticas dos objetos assim criados, produzindo uma atmosfera de equilíbrio precário entre pares dialéticos como estável e instável, vazio e cheio, ou ascensão e queda, e operando sempre uma reflexão sobre a natureza fundamentalmente transitória do universo.

Em *2 desenhos, 2 esculturas* são apresentadas, tal como o nome da exposição indica, quatro obras inéditas. Os dois desenhos apresentados, *Sem Título*, prosseguem de forma exemplar a reflexão que o artista tem vindo a desenvolver sobre a disciplina, projetando-a para além da sua aparente bidimensionalidade em direção ao campo fundamentalmente espacial, escultórico e arquitetónico da tridimensionalidade. Os cortes efectuados ao suporte, o papel, numa lógica subtrativa que não só remove matéria, como permite ver o que se encontra para além do trabalho, o espaço, e que assim é trazido para o interior da sua narrativa, definido-o e dando-lhe substância, a aplicação e sobreposição de grelhas bem como a utilização explícita da cor, remetem diretamente para o universo subjetivo de Croft e colocam estes dois desenhos numa trajetória direta e dialética que os relaciona incontornavelmente com o espaço que os acolhe.

As duas esculturas, também *Sem Título*, operam de maneira completamente distinta entre si, ainda que no seu cerne se entreveja o mesmo tipo de preocupações características do processo de trabalho de Croft. Enquanto a peça de canto, mais pequena e subtil, se relaciona de forma fundamentalmente arquitetónica com o espaço, reagindo a este, definido-o, delimitando-o e enfatizando as suas propriedades intrínsecas, a peça que ocupa uma posição central na exposição,

de grandes dimensões, convoca uma experiência do espaço que é mediada na sua quase totalidade pela relação física que estabelece com o visitante. O movimento circular que convoca, que advém não apenas da sua posição no espaço mas também, e talvez sobretudo, do seu elemento inferior, a sua base de sustentação, uma mesa de madeira giratória, define um espaço simultaneamente físico e narrativo. A aparente precariedade da parte superior é transmitida de forma física, sentindo-se diretamente no corpo, através do equilíbrio instável dos ângulos definidos e a improbabilidade da relação entre o peso do ferro e a leveza do vidro. Os jogos de luz, de sombra e os reflexos multiplicam e reconfiguram pontos de vista e linhas de fuga, propondo novos volumes e sugerindo uma vertigem perceptiva do espaço expositivo e da imagem do nosso próprio corpo nesse espaço.

Os trabalhos de José Pedro Croft encetam assim diálogos complexos não apenas com o espaço e o contexto que as rodeiam, mas também com as formas e volumes que as definem enquanto objetos no mundo. Estruturas muito simples, herdeiras de um entendimento muito pessoal do minimalismo, que combinam aspetos formais com a materialidade dos materiais, sejam eles o ferro, a madeira, o vidro ou o papel, muitas vezes reforçadas pelo recurso à pintura industrial e a cores fortes, sugerem uma dialética entre escultura e pintura que transcende ideias pré-concebidas e historicamente estanques sobre a relação entre estas disciplinas.

José Pedro Croft

Opening: 16 November, 10 pm
17 November 2017 – 13 January 2018
Tuesday to Friday: 2 –7 pm
Saturday: 10 am –1 pm, 2 –7 pm

Galeria Vera Cortês presents *2 desenhos, 2 esculturas*, José Pedro Croft's first solo show in Portugal after his participation at the Venice Biennial (still ongoing), representing the country. It is also his first solo exhibition in this gallery.

José Pedro Croft is one of the most significant contemporary Portuguese artists, and one of the main forces behind the renewal of Portuguese sculpture undertaken since the late 1980s. Rooted in sculpture, his artistic practice extends to drawing and engraving and is characterized by a thorough construction process that combines his subjectivity with his formal universe. His pieces are always the result of a research on the processes that are set in motion within themselves, and in which their visual, poetic and plastic dimensions unravel into an atmosphere of unstable equilibrium between dialectic pairs such as stable and unstable, empty and full, or ascent and fall, always producing a reflection on the fundamentally transient nature of the universe.

In *2 desenhos, 2 esculturas*, we will find, as the title suggests, four new artworks. Both *Untitled*, the two drawings advance the artist's reflection about this discipline, projecting it beyond its seemingly two-dimensional character and onto the spatial and three-dimensional realm of sculpture and architecture. In a subtractive logic that does more than simply remove matter, the cuts in the paper allow us to see what is beyond the work, inviting space into their narrative, defining it and lending it substance. The overlaid grids and the explicit use of color refer to Croft's subjective universe, placing these two drawings in a direct and dialectic path that creates a definite relationship with the space where they are placed.

Also *Untitled*, the two sculptures act upon the space in very different ways, even if they essentially project the same concerns, which are characteristic of Croft's working processes. Smaller and subtler, the corner piece relates to space in a fundamentally architectural way, reacting to it, defining it, and emphasizing its intrinsic properties. The larger piece on the center of the exhibition convokes an experience of the space that is almost entirely mediated by the physical relationship it establishes with the visitor. The suggestion of a circular movement comes from its central position, but also from its base; a rotating wooden table that defines a space that is both physical and narrative. The apparent instability of the top structure can be felt physically with our bodies, transmitted by its unstable angles and the improbable relationships established between the iron's weight and the light-

ness of the glass. Light, shadow and reflections multiply and reconfigure perspectives and vanishing points, suggesting new volumes and a perceptual vertigo as we look upon the exhibition space and the image of our own body within it.

The works by José Pedro Croft engage in complex dialogues, not only with the space or context they are placed on, but also with the shapes and volumes that define them as worldly objects. Heir to a very personal vision of minimalism, they are very simple structures that combine formal aspects with the physicality of materials like iron, wood, glass or paper, which are often reinforced with industrial paint and strong colors to suggest a dialect between sculpture and painting, transcending the preconceived and historically obdurate ideas often used to define the relationship between these two disciplines.